



GT 20. Big data e thick data: pensando o lugar da antropologia digital

Coordenador(es):

Débora Krischke Leitão (UQAM - Université du Québec à Montréal)

Laura Graziela F. de F. Gomes (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 1

Debatedor/a: Raíra Bohrer dos Santos (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2

Debatedor/a: Jair de Souza Ramos (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 3

Debatedor/a: Eliane Tânia Martins de Freitas (UFRN)

Nos últimos anos, eventos políticos importantes foram concebidos e produzidos utilizando a mineração e análise de dados nas redes e motores de busca. Dados estes, pertencentes a milhões de usuários que tiveram suas informações vasculhadas, roubadas e utilizadas através de metodologias específicas por governos, partidos políticos, think tanks e empresas privadas. Para além das crises políticas e éticas desencadeadas, a euforia em torno dos “big data” reforçou a idéia implícita de que essas metodologias de pesquisa e análises utilizadas não deixariam mais lugar para outras abordagens qualitativas. Debates em torno dos “thick data” surgiram como reação a essa perspectiva, propondo que abordagens mais etnográficas das plataformas digitais são necessárias para dar conta de uma cultura digital diversificada, ao mesmo tempo global/local, incorporando a dimensão das emoções, da experiência e do significado. O presente GT tem interesse especial em reunir pesquisas etnográficas sobre diferentes modos e estilos de envolvimento com as plataformas digitais enfatizando a produção de subjetividades e exercícios imaginativos de experimentação nos cruzamentos e hibridizações com a tecnologia. As plataformas digitais divergem entre si quanto aos modos de uso e de relacionamento - participação, interação, engajamento, conexão, presença, envolvimento, imersão, incorporação -, ao mesmo tempo em que tornam a rede heterogênea, criando obstáculos às generalizações e reduções.

Pesquisa com o corpo: seguindo conexões entre sujeitos, eroticidades e conectividades.

Autoria: Raíra Bohrer dos Santos (UFF - Universidade Federal Fluminense)

O debate proposto para esse grupo de work diz respeito à 1) corporalidade, subjetividade e posicionalidade da pesquisadora na prática etnográfica e suas implicâncias; 2) estratégias adotadas enquanto formas de presença em campo, ao negociar com os sujeitos - humanos e não humanos -, os riscos, limites e potências da observação participante em meio digital, erótico e de jogos de poder; 3) algumas considerações a cerca das experimentações e produções de si vivenciadas pelos sujeitos dessa pesquisa, em termos de narrativa, corporalidade, subjetividade e sexualidade. Ao compreender a internet como território heterogêneo, capaz de comportar inúmeros ambientes, que se formam através de deslizamentos entre plataformas, além de possíveis continuidades e descontinuidades entre esferas online e offline, torna-se necessário reformulações de fronteiras analíticas por meio de interesses, gostos, modos de vida, hábitos de consumo a fim de investigar distintos usos e agenciamentos do digital. Após um longo caminho de pesquisa entre diversos espaços de vivências eróticas englobadas pelo BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo,



Masochismo) - enquanto comunidade distinta -, procuro nesse work dar contorno à fruição de narrativas imagéticas, textuais e poéticas que (re)configuram sexualidades, corporalidades, subjetividades, propiciadas pela experiência BDSM e fetichista conectada. Com a internet incorporada e corporificada no cotidiano (HINE, 2015), ao dar cabo de uma investigação etnográfica que segue conexões entre sujeitos, eroticidades e conectividades, tendo como campo os circuitos fetichistas interseccionados pela rede social FetLife, que interconectam ambientes e plataformas ? entre eles o mundo virtual tridimensional Second Life, as redes sociais Instagram, Facebook, Senhor Verdugo, e aplicativos de encontros e mensagens instantâneas como Tinder, Badoo, Whatsapp e Skype, além de ambientes na cidade como bares, festas, encontros entre grupos distintos -, fez-se necessário desdobrar métodos e ferramentas da investigação antropológica por meio da adoção de estratégias como as sugeridas por Leitão e Gomes (2017) para etnografia em ambientes digitais, perambulações, acompanhamentos e imersões. Reconhecendo-se, assim, potências e dilemas do work de campo conectado.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: